

COLUNA PERSPECTIVAS ANTIRRACISTAS PARA O SERVIÇO SOCIAL

NÃO HÁ FORMAÇÃO ANTIRRACISTA SEM A DISCUSSÃO DO RACISMO RELIGIOSO

Marluce da Silva Santana

Quando ouvimos os termos religião e Serviço Social podemos remeter inicialmente a gênese da profissão e a sua ligação com a igreja católica, conservadorismo, assistencialismo, caridade, provavelmente essas serão algumas das primeiras palavras que permearão o pensamento de assistente sociais e estudantes ao refletirem sobre relação da profissão com a religião. E essa correlação está correta, faz parte da história da profissão e estudamos todos os aspectos relacionados durante a graduação, mas pretendo abordar outros, que envolvem a atuação profissional e a formação profissional na contemporaneidade. Na coluna abordamos perspectivas antirracistas para o Serviço Social e é necessário discutirmos a respeito do racismo religioso, discussão provavelmente conhecida para os leitores que acompanham esta revista, mas talvez e infelizmente desconhecida por assistentes sociais e estudantes de Serviço Social, mas é possível que o leitor questione esse desconhecimento, pois o racismo religioso é um tema que permeia diversos debates nas redes sociais e temas que aparecem nos telejornais, mas muitas vezes conhecer o termo não é sinônimo de conhecer seu significado ou o que de fato representa. Ao falarmos de antirracismo estamos falando de antirracismo em todas as esferas da vida, em todas as práticas e vivências e nesse caso inclui-se obviamente a esfera religiosa.

Considero importante e necessário citar o trabalho realizado por Graziela Ferreira Quintão, a autora publicou em 2015 o artigo intitulado "Liberdade e intolerância religiosa no Brasil: tendências e desafios para o Serviço Social" no qual é discutida a produção do Serviço Social sobre liberdade e intolerância religiosa no Brasil. Quintão (2015),

INDEXADORES:



demonstra no estudo que o Serviço Social não possui uma ampla produção acadêmica sobre liberdade e intolerância religiosa relacionadas à religiões de Matriz africanas, evangélicos no Brasil, religião na esfera pública, entre outros. Durante as considerações finais Quintão (2015, p.279), argumenta que "a superação de tais limitações parece estar na inclusão de questões referentes à religião nos espaços de debates acadêmicos e profissionais do Serviço Social". É necessário promover uma formação profissional e estratégias de debate profissional que incluam/ampliem discussões sobre os racismos presentes na sociedade brasileira. No artigo "Mães de Santo nos Terreiros de Umbanda de Fortaleza/CE: Aspectos Socioculturais da Maternidade" Maria Zelma de Araújo Madeira afirma que

"as religiões afro-brasileiras contribuem para a constituição da identidade do Brasil. São religiões que têm capacidade própria e distinta de elaborar a ideia de sociedade e de indivíduo, com diferentes modos de ver a vida, de interpretar o mundo. Esse é um fato importante a ser considerado pelos profissionais que trabalham com as expressões da questão social, cuja natureza interventiva se dá nos territórios, prenhez significados a serem decifrados" (Madeira, 2021, p.198).

Considero que todo artigo, livro ou texto citado é ao mesmo tempo uma indicação de leitura, um convite para que os leitores mergulhem e aprofundem sua leitura. Acredito que a citação trazida e a recomendação à leitura dos textos citados são contribuições relevantes para estudantes e profissionais.

Referências

MADEIRA, M. Z. A. . Mães de santo nos terreiros de umbanda de Fortaleza/CE: aspectos socioculturais da maternidade. In: Márcia Campos Eurico, Rachel Gouveia Passos, Magali da Silva Almeida e Tereza Cristina Santos Martins. (Org.). **Questão racial, serviço social e os desafios contemporâneos**. 1ed.São Paulo: Editora Papel Social, 2021, v. 1, p. 200-215.

QUINTÃO, G. F. . Liberdade e intolerância religiosa no Brasil: tendências e desafios para o Serviço Social. Revista Praia Vermelha , v. 25, p. 259-282, 2016.

INDEXADORES:

